

O CORPO E A MEMÓRIA NA POESIA DE TERESA RITA LOPES¹



THE BODY AND THE MEMORY IN THE POETRY OF TERESA RITA LOPES

Ruan Carlos Mendes²
FECLESC/UECE, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 29/08/2017 • APROVADO EM 18/05/2018

Abstract

Teresa Rita Lopes is a Portuguese, born in Faro in 1937. Professor of Comparative Literature at the Faculty of Social Sciences and Humanities of the New University of Lisbon, since 1979. She graduated in Romance Philology, doctorate in Paris with a thesis on Fernando Pessoa, having devoted his career as a researcher with a study on his work. The author has a vast literary production. In this article we will discuss two poems by the author: "Ciclo 1" and "Ciclo 2". These poems are found in the book: "Os dedos, os dias, as palavras" (1987). In this analysis we will seek a dialogue between Lopes' poetry and the theoretical contributions on the memory of authors such as Henri Bergson (*Matéria e memória*, 2010), Gaston Bachelard (*A poética do devaneio*, 2006) and Pierre Nora (*Entre memória e História: a problemática dos lugares*, 1993). Attention to the relationship of author's poetic autobiographical writing with body and memory.

Teresa Rita Lopes é uma portuguesa, nascida em Faro em 1937. Professora de Literatura Comparada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desde 1979. Licenciou-se em Filologia Românica, doutorou-se em Paris com uma tese sobre Fernando Pessoa, tendo consagrado a sua carreira de pesquisadora com um estudo sobre a obra deste. A autora tem uma vasta produção literária. Neste artigo discutiremos duas poesias da referida autora: *Ciclo 1 e Ciclo 2*. Essas poesias encontram-se no livro: *Os dedos, os dias, as palavras* (1987). Nesta análise buscaremos um diálogo entre a poesia de Lopes e as contribuições teóricas sobre a memória de autores como Henri Bergson (*Matéria e memória*, 2010), Gaston Bachelard (*A poética do devaneio*, 2006) e Pierre Nora (*Entre memória e História: a problemática dos lugares*, 1993). Atentando para a relação da escrita autobiográfica poética da autora com o corpo e a memória.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Memory. Body. Poetry.

PALAVRAS CHAVE: Memória. Corpo. Poesia.

Texto integral

Introdução

Desde os nossos primeiros momentos como estudantes de história ou literatura, somos convidados a pensar sobre as fontes/corpus, vestígios deixados pelo homem ao longo do tempo e do espaço, e também ensinados a fazer perguntas problematizadoras a essas evidências históricas. Construir essas perguntas, devemos confessar, é um grande desafio.

Muitas vezes os vestígios que temos para a análise histórica são as narrativas dos sujeitos. Essas narrativas, que no caso específico desse artigo, são narrativas poéticas de Teresa Rita Lopes estão repletas de memórias, mas é necessária a diferenciação entre memória e história, como nos elucida o historiador Pierre Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é

efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas (NORA, 1981, p. 9).

Nesse sentido, apesar de sua permanente evolução, podemos tomar a memória, neste caso específico a memória literária, como uma fonte histórica: “a necessidade de memória é uma necessidade da história” (NORA, 1981, p. 14). Não obstante, muitas vezes em uma narrativa, seja ela poética ou não, devemos, enquanto pesquisadores, buscarmos muito além do que é dito em palavras pelo depoente ou escritor.

É sabido de forma ampla entre os pesquisadores das diversas áreas do conhecimento que os silêncios, as entonações de voz e os gestos dos entrevistados ou narradores também “falam”, dizendo muito mais do que as frases verbalizadas ou escritas. Desse modo ao analisamos uma narrativa poética devemos perceber além do que é colocado em forma de estrofes no papel, pois são múltiplas as formas que o escritor fala de si.

Assim, inferimos que existem significados nos gestos corporais dos sujeitos e trazendo Henri Bergson para a discussão, podemos dizer que existe uma memória corporal:

Dizíamos que o corpo, colocado entre os objetos que agem sobre ele e os que ele influencia, não é mais que um condutor, encarregado de recolher os movimentos e de transmiti-los, quando não os retém, a certos mecanismos motores, mecanismos estes determinados, se a ação é reflexa, escolhidos, se a ação é voluntária. Tudo deve se passar portanto como se uma memória independente juntasse imagens ao longo do tempo à medida que elas se produzem, e como se nosso corpo, com aquilo que o cerca, não fosse mais que uma dessas imagens, a última que obtemos a todo momento praticando um corte instantâneo no devir em geral. Nesse corte, nosso corpo ocupa o centro. As coisas que o cercam agem sobre ele e ele reage a elas. Suas reações são mais ou menos complexas, mas ou menos variadas, conforme o número e a natureza dos aparelhos que a experiência montou no interior de sua substância. É portanto na forma de dispositivos motores, e de dispositivos motores somente, que ele pode armazenar a ação do passado (BERGSON, 2010, p. 83).

Em Bergson podemos perceber o corpo como elemento central no recolhimento e na transmissão de memórias. O corpo seria, portanto, para o autor, o limite entre futuro e passado, é onde guardamos as imagens do passado. Essas imagens podem ser mecanismos motores, adquiridos através de ações repetitivas que fazem sentido para o sujeito (hábito), e também imagens de lembranças independentes, que são as imagens que o sujeito precisa fazer um esforço para lembrar-se do fato, do acontecimento passado. Ao fazer esse esforço de buscar as imagens independentes, o sujeito traduz, também no corpo, sentimentos, dores e

traços do passado. Esses elementos corporais expressados pela pessoa no ato de lembrar não podem passar despercebidos pelo pesquisador.

“Ciclo 1”

O corpo como limite da memória, como a ponte entre o passado e o futuro, também pode ser percebido nas construções poéticas e literárias. Os autores buscam, a partir de sensações corporais, as imagens do passado. Podemos perceber essa ideia na primeira estrofe do poema *Ciclo 1*, da poeta Tereza Rita Lopes:

Ciclo 1
Reencontro
o sabor
de um gesto
antigo

Nessa primeira estrofe do poema, podemos perceber que Lopes busca dois sentidos corporais para reencontrar o antigo: o paladar (sabor) e o tato (gesto). De maneira poética, a autora busca as imagens do passado, dentro do seu próprio corpo, a partir de sensações. Assim segue o poema:

guardado
intacto
numa ruga
da memória
dos músculos
numa esquina
do correr
do sangue
acalentado
tão no cerne
dos meus ossos

Analisando o restante do poema, percebemos nas estrofes seguintes que a autora propõe que os gestos do passado, suas lembranças, estão guardados nas rugas das memórias dos músculos, no correr do sangue e no cerne dos ossos, ou seja, suas lembranças estão, e para a autora de forma literal, dentro do corpo. Desse modo, podemos identificar na poesia de Lopes a afirmação de Bergson de que o corpo é o lugar central das imagens.

Segue as últimas duas estrofes do *Ciclo 1*:

aflorado
súbito
ao de cima
recém-chegado
de outra idade
de outro corpo

de mim

recuperado
de repente
filho pródigo



Nessas duas últimas estrofes, a autora nos fala de novos sabores (lembranças) que estão chegando de outras idades e de outros corpos dela mesma. “São muitos *eus*, com expressões, que se manifestam e elaboram a subjetividade das lembranças” (IPIRANGA, 2015, p. 7). Assim, concluímos que o corpo não é um só e que os sujeitos se multiplicam em suas diferentes idades. Múltiplas também são suas imagens sobre o passado.

Não obstante, devemos compreender que esse sujeito que é múltiplo e que teve vários corpos e idades, pode a partir de suas lembranças viver um reencontro com sua criança interior através do devaneio, como nos explica Gaston Bachelard em *A poética do devaneio*:

O ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice. Eis por que, no outono da vida, experimentamos uma espécie de recrudescimento do devaneio quando tentamos fazer reviver os devaneios da infância (BACHELARD, 1988, p. 96).

Dessa forma, alinhados ao pensamento de Bachelard, analisamos que quando Lopes fala na última estrofe do poema que: *recuperado/ de repente/ filho pródigo*, ela se refere a essa criança interior que atravessa da infância à velhice. Assim, inferimos que o citado “filho pródigo” no final do poema é o “eu infantil” da autora.

Para Bachelard o encontro deste “*eu*” interior voltado para infância está relacionado com o devaneio poético, onde o sujeito mistura “*imaginação e memória*”:

O passado remorado não é simplesmente um passado da percepção. Já num devaneio, uma vez que nos lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores (BACHELARD, 1988, p. 99).

Assim, Lopes mergulhou nos arquivos de suas memórias buscando imagens e valores para suas lembranças e o que ela encontrou foi traduzido de forma poética para seus leitores. Na poesia a autora coloca, como já foi dito, o seu corpo como limite desse exercício de lembrar, é o seu próprio corpo e sensações que narram as

lembranças das várias “Teresas”, fechando assim um primeiro “ciclo”.



“Ciclo 2”

Teresa Rita Lopes abre um segundo “ciclo” em sua narrativa poética falando ainda a partir do seu corpo sobre suas memórias e valores atribuídos as imagens do passado. Nas três primeiras estrofes do “Ciclo 2” temos:

De repente
o gesto mínimo
por onde
em nosso corpo
somos nós

Reencontrar
Debaixo da pele
Do tempo

essa coisa
única
mínima
que somos

Nesse segundo momento da escrita poética, Lopes elucida a rapidez com que as imagens de suas lembranças aparecem em seu presente (De repente/ o gesto mínimo). Sendo o que Bergson chamou de “lembranças espontâneas”, não são lembranças registradas na memória pelo exercício de repetição, ou pelo seu valor útil para o indivíduo, não são lembranças aprendidas. Para Bergson:

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada (BERGSON, 2010, p. 90-91).

Para Lopes, ainda na primeira estrofe do “Ciclo 2”, é a partir da junção dessas “lembranças espontâneas” que formamos o nosso ser: por onde/ em nosso corpo/ somos nós. Assim, a junção das imagens da memória são as referências para poesia da escritora, que classifica o seu “eu” nesse segundo ciclo como: essa coisa/ única/ mínima/ que somos.

Para relacionarmos o tempo na poesia de Lopes e o tempo de suas lembranças, vejamos:

Elas giram no céu da infância e marcam cada infância com signos indeléveis. Nossas grandes lembranças se alojam assim no zodíaco

da memória, de uma memória cósmica que não requer as exatidões da memória social, para ser psicologicamente fiel. É a própria memória do nosso pertencimento ao mundo (BACHELARD, 1988, p.112).

O tempo das lembranças de Lopes nas poesias não é preciso (Reencontrar/ debaixo da pele/ do tempo). São os tempos das múltiplas infâncias, dos vários corpos, dos valores atribuídos às lembranças, não é o tempo fechado e milimetricamente medido. Analisando o tempo na poesia da referida autora, Sarah Diva da Silva Ipiranga afirma que:

A ação do tempo transforma-se em matéria poética nos escritos de Teresa Rita Lopes. Em *Os dias os dedos as palavras* (LOPES, 1987), parece que estamos imersos no vento das lembranças e somos levados por ele. Não há um momento específico (nascimento, parentes, brincadeiras, traumas, cidades) a recordar (isso acontecerá primorosamente no livro *Cicatriz*, de 1997), mas tão somente a existência suspensa na temporalidade e por ela impulsionada (IPIRANGA, 2015, p. 11).

Assim como o corpo, múltiplos são os lugares representados na poesia de Lopes:

que possuiu
outros lugares
que ocupou
outro chão
que bebeu
outro ar
que palpou
outras coisas

Nessa estrofe que fica no centro do corpo do poema "*Ciclo 2*" a autora apresenta os variados lugares das diversas experiências de vida. Esses lugares também são rememorados a partir do corpo: bebeu, palpou.

Na estrofe seguinte a poetiza narrou o mergulho em sí:

que ficou
inalterável
no subterrâneo
mar
do corpo

que
de repente

aflora
irrompe
desabrocha

a cumprir
cósmicos
primordiais
caminhos
de água
e seiva
e fogo

Nesse mergulho no mar de suas lembranças a poetiza encontrou muitas imagens de seus passados, imagens que refletem na sua vida e na sua obra como escritora. Mas Bergson nos alerta que:

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder se abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se a memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e viver (BERGSON, 2010, p. 90).

Ao abstrair-se do presente e mergulhar em seu mar de lembranças, atribuindo valor ao simples/inútil, podemos perceber nas duas últimas estrofes do poema que a autora encontra forças para voltar a superfície (aflorar/ irrompe/ desabrocha). Não naufragando em suas memórias Lopes volta aos “caminhos de águas”.

Sobre a relação da poesia de Lopes com o mar, Sarah Diva da Silva Ipiranga nos fala que:

Nascida em Faro, litoral ao Sul de Portugal, Lopes guarda em sua reminiscência as imagens marinhas que fundaram sua existência. Por isso, percebe-se que o agrupamento semântico está situado neste campo lexical (mar) e é através dele que a continuidade poética é montada. O voltar a si, marca da escrita confessional, encontra no oceano o espaço biográfico onde ele pode desaguar. O tempo funciona como as ondas e os objetos, que elas tragam e devolvem à praia, as lembranças (IPIRANGA, 2015, P. 12).

Foi nas profundezas de seu mar de imagens e lembranças que Lopes, ao

voltar a si, para uma escrita confessional, encontra os vários corpos e também os vários lugares que viveu. Assim, podemos pensar que foi esse encontro interior, nos “caminhos de águas”, que a autora narrou nos poemas Ciclo 1 e Ciclo 2.

Notas

¹ Artigo apresentado como requisito de aprovação na disciplina Memória, identidade e literatura, ministrada pela professora Dra. Sarah Diva da Silva Ipiranga no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da Faculdade de Educação e Letras do Sertão Central, campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² Formado em Licenciatura Plena em História pela Faculdade de Filosofia Dom Aurelino Matos-FAFIDAM, *campus* da Universidade Estadual do Ceará- UECE em Limoeiro do Norte- CE. Atualmente aluno do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras- MIHL (FECLESC/UECE), *campus* da UECE em Quixadá-CE. Bolsista CAPES.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BERGSON, Henri. Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro. In _____. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Trad. Paulo Neves. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. pp. 83- 153.

IPIRANGA, Sarah Diva. Walter Benjamin e a autobiografia: uma leitura de “A imagem de Proust”. In: **Cadernos Walter Benjamin**. Fortaleza, v. 14, jul-dez, 2º15.

LOPES, Teresa Rita. **Os dias, os dedos, as palavras**. Porto: Ed. Figueirinhas, 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto de História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC- SP**. São Paulo, SP- Brasil, 1993. pp. 7- 28.

Para citar este artigo

MENDES, Ruan Carlos. O corpo e a memória na poesia de Teresa Rita Lopes. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7., n. 1., JAN-JUN, 2018, p. 43-51.

O Autor

Ruan Carlos Mendes é graduado em História (2015)-UECE/FAFIDAM. Atualmente é aluno no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras- MILH- UECE/FECLESC. Bolsista CAPES. Pesquisa as relações em torno da memória, religiosidade e santos populares.